

que assim quizerão já praticar com o soldado das Ordenanças que conduziu o officio que a pouco dirigiu esse Senado ao Alferes Commandante Caetano de Sousa Coelho, que para escapar se deu a fuga chegando os habitantes seduzidos ao excesso de se tumultuarem e disporem-se a rezistir e obstar a entrada dos Magistrados e Ordenanças deste Termo. A vista do que na qualidade de Juiz Ordinario e Companheiro he que passo a dar parte deste inopinado successo cujas providencias Vossas mereez a darão pelos Illustrados Conselhos que exige hum facto de tanta ponderação, e que certamente se faz digno da Real attensão. E porque devo julgar que vossas mereez já se encaminhem a repôr a antiga e actual possesam, eu os espero no Arrayal da Conceição para juntos proceguirmos, sem dever faze-lo faltando o meu Companheiro que hé pratico e illustrado e eu não. Deos Guarde a vossas mereez. Cargas dose de Fevereiro de mil oito centos e dez. O Juiz Ordinario, Vicente Pereira de Abreu e Lima. Hé o que se continha no dito Officio que acompanhou ao da Camara que eu Escrivão bem e fielmente ambos registei dos proprios a que me reporto e por conferir a presente e achar conforme a subscrevi e assignei nesta Villa do Principe aos vinte oito dias do mez de Fevereiro de mil oito centos e dez. Eu Luiz Francisco da Silva Escrivão da Camara que o escrevi conferi e assignei. Luiz Francisco da Silva. Hé o que se continha no dito Registo com o theor do que eu Escrivão ao diante nomiado e assignado passei a presente Certidão do proprio Livro ao qual me reporto, e pelo conferir e achar conforme a subscrevi e assignei nesta Villa do Principe aos oito dias do mez de agosto do anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e dez. Eu Luiz Francisco da Silva Escrivão da Camara que o escrevi conferi e assignei. — Luiz Francisco da Silva, 1800. Pg. 120 r.º de sello. Fig.º — Soares. — Tem esta certidão tres meias folhas das quaes se pagará de sello cento e vinte réis. Dia hora como acima (§120). — Luiz Fran.º da Silva.

BIOGRAPHIA DO IRMÃO

LOURENÇO DE N.ª SENHORA (1)

1714 --- 1719

Esta Biographia escripta nos curtos lazares furtados aos cuidados de uma administração laboriosa, sahe civada de muitos e graves senões.

Não estava destinada à publicidade. Era apenas um ensaio de introdução a uma Monographia do Collegio de Nossa Senhora Mãe dos Homens, da Serra do Caraça, que commemorará o seu primeiro centenario em 1920. Como é um dos mais antigos collegios do Estado, achei que fazia obra patriótica e religiosa, colligindo desde já o que lhe diz respeito, para diminuir a tarefa dos vindouros que talvez não encontrem mais os documentos actuaes, como eu não encontrei os passados. Um amigo, porem, achou bom dar já ao publico este pequeno e deficientissimo trabalho, e eu obedeci a seu desejo, principalmente porque espero que os que se interessam pelas cousas patrias, não deixarão de assignalar os erros, si alguns houver, bem como fornecer novos documentos, que possam fazer mais salientar a veneranda figura do Ir. Lourenço.

(1) Esta monographia, cujo interesse historico é de intuitiva relevancia, devemos-a à primorosa penna de um distincto Sacerdote, a quem muito devemos as letras. Entre os documentos que ella enfeixa, está a cópia autentica do testamento do celebre Irmão Lourenço, de cujo texto se evidencia a falsidade da versão lendaria que fillava aquelle solitario à familia proscripta dos Tavoras.

O auctor da memoria occulta modestamente o seu nome, digno certamente da nossa gratidão e dos applausos dos leitores. — N. da R.

Irmão Lourenço

CAPITULO I.º

QUEM ERA O IRMÃO LOURENÇO — VERSÕES DIVERSAS A SEU RESPEITO

Mal informado andou o D.ª Moreira Pinto quando registrou, como fundador de um mosteiro na Serra do Caraça, um individuo a quem elle chama P.º Lourenço da Madre de Deus. O certo é que o fundador da primitiva Igreja do Caraça e suas vivendas lateraes, não era sacerdote. O retrato que delle se conserva em uma das salas d'aquelle celebre instituto, accusa homem secular, propriamente um ermitão. Nem seu testamento, nem a tradição nol-o dão como padre.

E' voz geral entre os mineiros que pertencia o Irmão Lourenço à familia dos Tavoras, e que no Caraça se recolhera fugindo à perseguição de Pombal. Comtudo, como observa um venerando sacerdote da Congregação e portuguez: « Não foi possível até hoje verificar-se a sua origem. Que era portuguez, é o que se sabe com certeza. As clausulas, porém, do testamento que deixou, não autorizam a origem dos Tavoras, nem sua vinda, a perseguição de Pombal. »

Um manuscrito anonymo e sem data, inserto no fasciculo II. Anno VI da Revista do Archivo Mineiro de 1904 diz à pag. 494: « Na perseguição que fez o Marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho, contra os Tavoras, escapou entre outros, um, que para melhor occultar-se, mudou o seu nome, que era antes D. Carlos de Mendonça Tavora, em Ir. Lourenço de Nossa Senhora; mas o autor esqueceu-se de nos dizer de onde colheu essa informação.

Podem se dividir em tres grupos as versões que correm sobre Irmão Lourenço. A primeira que eu chamarei erudita, porque foi a que mais curso teve entre os escriptores que trataram de cousas nacionaes, faz o Irmão descendente dos Tavoras e dá como razão da escolha do local da Serra do Caraça, a procura de um refugio contra as perseguições do Marquez de Pombal. Esta versão, que parece contraria ao testamento do Irmão, é no emtanto a geralmente adoptada. A segunda, que chamarei de *preconceito*, é a que faz do Irmão Lourenço um criminoso, a quem os remorsos cruciantes de crimes horrendos forçaram a sepultar-se na solidão e na penitencia, para obter merecê da Divina Justiça.

Esta é a de uma meia duzia de escriptores, que só comprehendem a vida religiosa e solitaria como ultimo asylo, que procuram as almas apavoradas pelos remorsos de seus crimes, ou desencantadas e desilludidas dos ideaes de gozo, que não encontraram no mundo, ou então pela demasiada saciedade dos prazeres tanto se embota-

ram, que os não podem mais soffrer, e fogem para a solidão. Além de falsas essas razões, que, a serem verdadeiras, cortariam pela raiz todos os grandes heroismos de devotamento, que fazem a gloria da humanidade em todos os seculos, não tem uma só base e fundamento plausivel, nem documento positivo; e nem si quer fca autorizada como conjectura, visto a veneração que sempre rodeou a vida do Irmão Lourenço, durante os seus 45 annos que viveu no Caraça. O que não teria sido assim, si alguma mancha de sangue lhe viesse macular o renome, ou si alguma deshonra lhe tivesse conspurcado a reputação no passado.

Emfim, a essas duas versões veio juntar-se uma terceira, que não sei como classificar, e que faz do Irmão Lourenço um simples colono portuguez, que no commercio de diamantes adquirio uma fortuna regular, e depois, tocado pela graça divina, e comprehendendo melhor a vaidad do mundo, retirou-se à solidão, para consagrar-se ao serviço de Deus. Esta versão tem por si o facto de residir o Irmão Lourenço nos terrenos diamantinos do Serro desde 1763, como consta de seu dip'oma de terciario, cuja integra damos adiante. No requerimento que faz ao Rei, diz claramente que «desenganado desde alguns annos do mundo, buscou o centro destas serras.»

E' finalmente, a que mais se conforma com a lettra de seu testamento e que nada destoa da indole religiosa dos portuguezes daquelle epocha, em que o fervor religioso não estava ainda arrefecido por tantas doutrinas deleterias que hoje se propagam e se difundem nas azas dos jornaes e dos romances immoraes, que fazem do gozo sensua! o unico ideal verdadeiro da existencia, e para destruir de todo nas almas simples e rudes o remorso, acenar-lhes com as esperanças fantasiosas do espiritismo ou com as ideias aniquiladoras do materialismo e vão repetindo como Cicero o dito falso, que foi paraphrascado assim, em vernaculo, por um patricio nosso: «A morte ou é o descanço final, ou um novo caminho para a perfeição.»

Si um tal dilemma pudesse ser verdadeiro, baquearia por terra todo o incentivo para a virtude.

Si a morte é o descanço final, para que me dar tanta pena em soff'er o que me contraria?

E si não é isso, si é um caminho para a perfeição, para que me privar do que me agrada, se minha romaria está apenas em começo e longa é a via a percorrer?...

Mas, este livro não é de polemica e sim o estudo calmo de um varão illustre, que passou fazendo o bem e que acreditava num terceiro termo que destrõe o dilemma da sophistica moderna, isto é, que «a morte é descanço final para os bons e tormento eterno para os máos».

Para nós, esta versão nos parece mais de accordo com os documentos positivos que nos restam, referentes ao Irmão Lourenço;

mas, longe de nós o querer dar-lhe autoridade maior do que a de simples conjectura, pois fazemos um trabalho de historia, que quizera mos digno desse nome, e não um panegyrico do Irmão Lourenço, nem tão pouco um romance mais ou menos historico, como existem tantos, mesmo sobre assumptos nacionaes.

CAPITULO 2.º

VINDA DO IRMÃO LOURENÇO PARA O CARAÇA

Conforme opina o erudito Bispo de Bagis, D. Joaquim Silverio, não sem fundamento, foi, como aliás reza a tradição, fugindo á perseguição do rancoroso Marquez de Pombal que o Irmão Lourenço veio para o Brasil. E escreve: dentre os muitos portuguezes de nobre estirpe foragidos no Brazil durante a perseguição, dois companheiros de infortunio metteram-se por Minas Geraes. Um delles chamava-se Lourenço e outro Bracarena. Pretendiam ambos edificar um templo a Nossa Senhora. Seria porventura o cumprimento de votos que houvessem feito á Mãe de Jesus e dos peccadores nas ancias com que buscaram escapar aos furores da real vindicta?

« Em diligencias de descobrir local para edificação do templo, vieram parar na freguezia de Caethé. Ahí, e talvez antes de ahí chegarem, ouviram o que se contava da apparição da Mãe de Deus a uma menina muda.

« E foi o caso que, na Penha, distante uma legoa da Serra, uma menina muda de nascença, pertencente a piedosa familia, vira no alto da Serra a Santa Virgem, trazendo seu divino Filho nos braços.

« Depois desta visão, a muda cessára de o ser... mas não Maria de apparecer: a visão repetia-se. Os dois expatriados portuguezes que escutavam a narração extasiados, as quaes de consolações suas lhes deveriam encher a alma rasgada pelas saudades do patrio solo, concordaram em levantar uma Igreja, talvez a que teriam votado a Nossa Senhora vista pela muda, a quem milagrosamente curára.

« Entretanto, quando trataram de eleger um lugar na Serra, em que seria erguido o templo, surdiram nos dois piedosos varões divergencias, a que bem podemos chamar felizes.

« Opinava Irmão Lourenço que o templo fosse edificado, não no píncaro da Serra, porém mais abaixo em um lugar, que annos depois tomou o nome de Cavallhada, porque na dedicação da Igreja lá correram esses jogos, tão usuaes na manifestação de publico regosijo entre nós.

« Bracarena optava pelo sitio onde hoje se vê o templo, por ter sido alli que appareceu a muda a Virgem da Piedade.

« A victoria nessa contenda, coube a Bracarena.

« Traçada do alto vinha a innocente divergencia que explodiu entre os dous piedosos portuguezes».

Com effeito, separando-se de Bracarena, o Irmão Lourenço, que da Serra da Piedade avistava a enorme montanha do Caraça, para esse rumo dirigio seus passos.

« Lá naquella vasta bacia, cercada de magestosas e soberbas montanhas, levantou elle uma Igreja a Nossa Senhora Mãe dos Homens, a qual com os terrenos patrimoniaes, veio, após sua morte, parar em mãos dos Congregados de S. Vicente de Paulo. Até aqui o illustre e piedoso Bispo.

A innocente divergencia entre os piedosos portuguezes, faz involuntariamente lembrar a que se passou entre S. Paulo e S. Barnabé e não se deixa de guardar uma grata sympathia pelo autor, que si não a inventou, pelo menos a crystallizou na historia com sua mimosa penna.

CAPITULO 3.º

O QUE FEZ O IRMÃO LOURENÇO NO CARAÇA. — EM QUE EPOCHA VEIO ELLE PARA AHI

Fez a Igreja e casa de Nossa Senhora Mãe dos Homens. E assim ficaria eu desempenhado de rastrear nesses 45 annos da santa e existencia do pio eremita; mas, nem eu me absolveria nem os leitores, da incuria de excavar entre os minguados papeis que restam. Portanto, vejamos o que se pode desentranhar desse garimpo de poeira dos velhos archivos. Talvez que com perseverança e paciencia, possamos apurar alguma fagulha para esboçar essa nobre figura de eremita, que legou a esse caro torrão de Minas um estabelecimento, que já procurou a educação para mais de dez mil dos filhos deste vasto Brazil.

Foi certamente antes de 1774, pois num dos requerimentos que manda a D. João VI (do qual dá copia sem data o fasciculo II da Revista do Archivo Mineiro, anno VI, pag. 109) o Irmão Lourenço diz: « Que em 24 de Março de 1774, em distancia de tres leguas da Matriz de Cattas Altas ou Igreja parochial de Nossa Senhora da Conceição de Cattas Altas, edificara uma capella de Nossa Senhora Mãe dos Homens e S. Francisco das Chagas, precedendo licença do ordinario, que então era o D.º Francisco Xavier da Rua, Governador, Provisor e Vigario Geral do Bispado de Marianna, pelo Ex.º Rev.º Sr. D. Bartholomeu Manoel Mendes dos Reis. Doando para seu Gui-

zamento e misteres, uma Sesmaria com todas as pertencas, que paga o dizimo a Deus e mais tributos a V. A. R...»

Por outro lado sabemos que em 1763 já elle estava em Minas, como consta do seu diploma de Irmão 3.º de S. Francisco, passado a 22 de Agosto de 1780. Eil-o aqui em sua integra:

« Fructuoso Gomes da Costa, presbytero secular de S. Pedro, capellão curado da capella de Santo Antonio do Tijuco do Serro Frio; commissario da V.ª Ord. 3.ª de S. Francisco T. M. Manoel Baptista Landim Cavalheiro prof. na Ord. de Christo Mem.º da ms.ª».

Fazemos saber em como Irmão Lourenço de Nossa Senhora, segundo consta dos livros das recepções e Profissões, que se acham na secretaria della a p. 3 n.º—Recebeu Santo Habito della em o dia 28 do mez de Fevereiro de 1763, mil sete centos e sessenta e tres e por dispensa foi admittido á sua profissão em o dia 4 de Outubro do d.º anno, a qual fez nas mãos do R. Commissario João Ferreira Barros, jurando defender a Conceição da Virgem Senhora Nossa.

Pelo que pedimos a todos os P. P. Guardiães, Ministros e mais Irmãos de toda a Ordem 1.ª e 3.ª, o admittam em qualquer parte que chegar, aos Exercícios e obra de caridade, e se lhe faça como a legitimo Irmão e Filho de N. P.º S. Francisco: em fé de que lhe passamos a presente, por nós assignada e sellada com o sello desta V.ª Ordem em Mesa de 22 de Agosto de 1780, e eu Francisco da Costa Rios, secretario actual da Ordem, que a subserveie assignei.

O Com.º P.º Fructuoso Gomes da Costa. Francisco da Costa Rios. Men.º Manoel Baptista Landim. O P.º Antonio Furtado de Mello. O Syndico Antonio Ribeiro Moraes. Definidor, Bento José da Silva.

Donde nós podemos concluir que em 1764 estava em Minas o Irmão Lourenço. Elle afirma que, em 1774 está erecta a Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens e a casa capaz de receber os missionarios Varatojos. Ora, a casa que ainda hoje existe e a capella que está substituida por um templo gothico, são construcções que exigem tempo para serem feitas; e dadas as difficuldades locais, era impossivel que um eremita a pudesse construir em menos de seis a oito annos, o que nos levaria a 1766 ou 1768. Si quizessemos, poderiamos ajuntar razões de conveniencia, que viriam corroborar nossa conjectura. Com effeito, não sendo o Irmão Lourenço conhecido nestas paragens, precisava de tempo para que o ascendente de suas virtudes, callando nos animos dos habitantes, os trouxesse pouco a pouco a coadjuval-o, na obra que seu zelo piedoso emprehendera. E a menos de admittirmos um desses factos anormaes, que têm o condão de encadear as vontades e os corações só á primeira vista, somos forçados a admittir a data approximativa de 1766 ou 1768 para sua vinda ao Caraça. Como quer que seja, o certo é que pelos annos de 1763, o mais cedo, até 1774, o mais tarde, o Irmão Lourenço, bordão de peregrino na mão, rins cingidos com a grossa corda de terciario

Franciscano, transpoz os alcantis agrestes destas serras e veio buscar, entre feras e penhas brancas, a paz que não encontrava mais entre os homens.

CAPITULO 4.º

TOMADA DE POSSE DA SERRA DO CARAÇA PELO IRMÃO LOURENÇO

Acompanhemos agora o Irmão Lourenço na alcantilada solidão da Serra, que elle vai transformar em centro de uma piedosa romaria e mais tarde em uma casa de ensino secundario, de onde esvoaçaram bandos de jovens para levar por todo esse Brazil os conhecimentos ahí bebidos.

Num documento de 1774, que existe no archivo do Caraça, encontramos o Irmão Lourenço pedindo uma concessão de aguas. Elle reza assim:

« Diz o Irmão Lourenço de Nossa Senhora da Serra de Cattas-Altas, que elle suppõe se acha edificando uma capella de invocação de Nossa Senhora Mãe dos Homens e de S. Francisco recebendo as chagas e porque no circuito das mesmas paragens se acham tres corre-guinhos e alguns lacrimaes, assim como tambem agua da fonte de Nossa Senhora, quer o supp.º que, para evitar alguma desordem... conceda as ditas aguas por provisão..... das que fazem barra no Ribeirão Sumidouro, dando-se-lhe posse das barras e das cabeceiras na forma do regimento: estes todos têm suas cabeceiras da parte do norte.»

Era o espirito pratico e previdente do Irmão Lourenço que, naquelles tempos de febre de mineração, da *sacra fames aurí*, que devorava todos os animos dos aventureiros reinos, prevenia as demandas futuras que podiam provir da captação d'agua para a extracção do louro metal. E não era sem motivo essa providencia, pois não longe do Caraça, no caminho de Cattas Altas, no lugar denominado hoje Andaime, ainda se vêm as ruinas de uma gigantesca muralha de pedra que servio nesse tempo de aqueducto para conduzir agua a uma lavra distante algumas leguas; e mais perto, na chacara de S.ª Rita, hoje pertencente ás terras de Nossa Senhora Mãe dos Homens, começa um rego que tem nada menos de quatro leguas de extensão.

Mas, nessa epocha, já a Igreja se acha construida. Quaes foram os principios dessa obra?

Fallecem documentos para rastrear esse começo.

O Irmão Lourenço, como todos os grandes bemfeitores da humanidade a quem um ideal divino aviventa, tinha mais empenho em fazer grandes obras, que em deixar por escripto um memorial dellas.

Comtudo, a darmos credito a um manuscripto sem data, que existe na casa do Caraça e que pelo estylo e calligraphia fazem presumir um patricio de Irmão Lourenço, o P.ª Ferreira, que foi congregado de S. Vicente de Paulo, o pio Leigo que pela primeira vez veio a estas paragens, arranchou-se com o sogro de um João Gonçalves o Velho, que estava tirando ouro no Rio. No dia seguinte subio até o lugar onde se acha hoje a casa, percorreu-o em diversas direcções e voltou a pernoitar no mesmo rancho, onde na vespera recebera galhado. Seu plano estava architectado: o lugar de seu repouso, achado. Ahi voltou, construiu um rancho de capim, armou um altar, foi ao inflicionado, trouxe de lá consigo um Padre, para nelle celebrar uma missa. Era a sua tomada de posse. A' maneira de seus maiores, que por onde aportavam, plantavam a cruz ao lado do marco onde estavam esculpidas as quinas e celebravam o santo sacrificio da missa á sombra da bandeira nacional e ao troar dos canhões. Irmão Lourenço quiz tambem tomar posse da alcantilada e agreste solidão, mandando offerecer o santo sacrificio. Mas, porque, perguntam todos que visitam essas paragens, vieram fundar este estabelecimento em um lugar tão deserto? E nós tambem perguntamos: que attractivos descobriu Irmão Lourenço nestes broncos fraguados nestes sombrios e severos montes de granito e basalto, que nos seus recórtes lembram barbacans e setteiras de gigantesco castello medieval? Esta bacia enorme estreitada por esses picos desnudados e silenciosos como eternas vagas de immovel oceano, parece mais feita para antro de fêras do que para habitação de humanos!

Mas quem pôde dizer a influencia que exerce sobre certas almas o attractivo da solidão? O Irmão Lourenço parece pertencer a esse numero. Um véo impenetravel cobre aos nossos olhos, os primeiros começos do piedoso eremita na solidão do Caraça.

Elle não teve mais que Deus e seus anjos para testemunha de suas acções. Um leite duro, talvez a terra fria, fructos sylvestres, algumas raizes crúas, eram seu alimento, e a agua fresca do regato que murmurava a poucos passos dessedentava-o.

Eis para o exterior.

Illustres Padres da Igreja escreveram sobre a vida solitaria: sob as suas pennas elegantes e pias a solidão se esmalta por vezes de risonhas côres.

Ella é um lugar de repouso, um jardim coalhado de flores, um verde e fresco oasis no meio das planicies aridas do mundo. E com essas tão graciosas imagens, esforçam-se por nos pintar a felicidade, as delicias e as alegrias ineffaveis da alma insulada da creatura e um trato familiar e amoroso com seu Deus.

O Irmão Lourenço saboreou esses fructos suaves da solidão? Quasi que não se pôde duvidar, embora elle nada tenha dito. Mas, conforme o dizer dos Santos, o deserto não é sempre assim querido.

Elle é tambem o lugar da expiação e da penitencia; e por vezes tambem a arena de combate, onde o mesmo inimigo que ousou atacar Nosso Senhor Jesus Christo no deserto, assalta os que querem viver piedosamente em Jesus, no seio da solidão. E não ha que se enganar sobre o alcance de suas palavras: elles fallam não só desses combates interiores e espirituaes, mais rudes no deserto que em qualquer outro lugar, combates feridos pelo demonio contra a alma recolhida no silencio dos sentidos: mas elles fallam tambem dessas perseguições exteriores e sensiveis, que esse inimigo do bem exerce contra o proprio corpo.

E porque não acreditariamos nessas violencias?

Deveremos pagar esse tributo ao seculo incréo, e rejeitar o que tantos santos affirmam ter experimentado?

A propria razão quer que se admitta esse grande e unanime testemunho, ao mesmo tempo que deixa ás lendas populares suas incertezas e suas ficções.

Teria tido esses combates a sustentar o piedoso Irmão Lourenço? Não ousamos affirmar o, pois, para isso faltam-nos documentos mais positivos do que as lendas populares que naturalmente se formam em torno desses homens, depois que desaparecem do scenario da vida e continuam a existir na lembrança agradecida daquelles que os conheceram.

CAPITULO 5.º

MEIOS DE QUE LANÇOU MÃO PARA CONSTRUÇÃO DA EGREJA E DA CASA

Aqui nós temos alguns dados mais positivos que podem servir para reconstituir esta phase da existencia do Irmão e de sua obra.

Com effeito, no manuscripto acima citado lemos que:

«O Irmão Lourenço, com esmolas e dinheiro seu proprio, segundo me disse o Vigario Francisco Xavier que «o Irmão Lourenço tinha de seu 8,000 (oito mil) cruzados, segundo lhe disse o mesmo Irmão, logo principiara a fundação da casa». Este testemunho, corroborado pelo Vigario Francisco Xavier, homem virtuoso e instruido que por duas vezes rejeitou trocar sua parochia de Cattas-Altas, por uma cathedra episcopal, tem bastante peso. Demais, lemos nos dois requerimentos sem data, mencionados acima e endereçados ao principe regente, pelos annos de 1800; — «que a Igreja foi construida a expensis suis, o que tambem confirmam as testemunhas que informaram sobre os ditos requerimentos, como consta das actas lavradas a 27 de Setembro de 1805 pelo escrivão da Provedoria Geral, Francisco de Paula Lopes.

Foi pois, com dinheiro seu proprio, que o Irmão Lourenço iniciou os trabalhos do Caraça; mas, além de que 8.000 cruzados eram poucos para toda a fabrica, sabemos que o Irmão comprou terras adjacentes e escravos de servir. Força é, pois, que tivesse á mão outros recursos, e estes foram as esmolas recolhidas de que fallam os documentos.

Era de se suppor que assim fosse, visto a fé grande e piedade de nossos maiores. E ainda mesmo que nos faltessem documentos poderíamos concluir do que se passa em nossos dias, para o que se devia ter passado então, pois si houve algo de differente, foi a diminuição da fé em nossos dias. Ora, que vemos nós ainda em nossos serões em epocha de missão? O povo todo como si fosse um só homem, trabalhando dias inteiros na construcção de alguma obra de utilidade publica ou religiosa apontada pelo missionario.

Ao clarão cambiante de nossas tardes tepidas, que quadro cheio de edificação é aquelle que se desdobra á vista extasiada! A longa fita da procissão de penitencia, se desenrola lentamente, formando a longa theoria (!) de homens, mulheres e crianças; pedra na cabeça, rosario na mão, passo grave, ar recolhi lo, que lá se vão até a uma legua de distancia buscar o material para a construcção de uma Igreja ou cemiterio, de uma ponte ou de um açude, com que os missionarios todos os annos dotam alguns de nossos povoados. E quando se faz mister, todos os dias, as mesmas horas, a multidão submissa á voz do missionario, lá se vai com o mesmo fervor, desfando as contas do seu rosario, assemelhando-se ella mesma ao desfilar de rosario vivo, atravez dos tortuosos trilhos por onde passa.

Porque não suppor que o Irmão conseguiu por vezes agrupar no alto da Serra algumas centenas de pessoas, que se prestavam entre os exercicios piedosos da manhã e da noite ao trabalho manual da construcção da casa de Nossa Senhora? Além de ser esse um facto communissimo nos annaes de muitos sanctuarios, temos ainda em abono de nossa conjectura, o facto de ter o Irmão conseguido ou trazido comsigo muitas e veneraveis reliquias de santos para Serra. Ora, sabe-se quanto nosso povo era e é ainda avido dessas exterioridades da piedade christã. Como quer que seja, o facto é que a Igreja e boa parte da casa já estavam construidas em 1774 e muito provavelmente já funcionava a irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Dessa epocha até 1800, não nos restá documento algum de importancia, referente ao Irmão.

Um titulo ou outro de terras, compradas ou recebidas em offerta a Nossa Senhora: uma escriptura de ratificação de doação que faz João Alves de Carvalho ao Irmão Lourenço de Nossa Senhora Mãe dos Homens da Serra do Caraça, como procurador, zelador e administrador das obras da mesma.

Esse titulo ou escriptura foi passada a 28 de Outubro de 1791 e traz a assignatura de José Vaz de Pinto Rabello como escriptura. João Alvares de Carvalho, como tabellião a trasladou para seu livro de notas e passou esta que assigna em publico e raso. — Consta esta doação de um moleque por nome Manoel, nação Benguella, e de uma lista de creditos no valor de um conto quatrocentos e oito mil reis para as obras e conservação da mesma capella.

Eis tudo que consta dos minguados documentos que existem no archivo do Caraça e o que pudemos colher nas nossas indagações, a respeito do fundador desta casa. E' tempo de estudarmos mais de perto o piedoso Irmão e de ver si conseguimos descobrir alguma cousa, pelo menos provavel a respeito de seus projectos e de sua divida intima na solidão que escolheu para sua residencia e para seu tumulo.

CAPITULO 6.

CONJECTURA SOBRE OS PROJECTOS DO IRMÃO LOURENÇO ATÉ 1800

A historia não nos deixou documentos. O campo fica, pois, aberto a todas as conjecturas. Não me levarão a mal si arrisco uma, que não me parece de todo sem fundamento, para explicar o motivo porque só em 1800 se lembrou o Irmão Lourenço de pedir missionarios para sua fundação. Não teria elle desejo de ser fundador de uma congregação como o fôra da casa? Como seu companheiro Bracarena, fundara um recolhimento na Serra da Piedade, não é impossivel que Lourenço quizesse tambem fundar um de religiosos na Serra do Caraça, com um pessoal do paiz.

E isto que damos como simples conjectura nasceu em nosso espirito de dois documentos que nos restam.

O primeiro é uma carta de Frei Antonio de S. João Baptista, escripta a seu irmão de habito Frei Felipe, na qual elle lhe recommenda Irmão Lourenço como «sujeito de toda a confidencia e sendo que este não podia ser religioso se retirou para um ermo»... Era então vontade de Irmão Lourenço nos seus começos ser religioso, e não podendo, não se sabe porque motivo, aggregar-se a alguma ordem existente, era muito natural que procurasse realizar esse santo desejo do modo que lhe era possivel.

Este, era de aggregar alguns companheiros que como elle nutrissem a mesma aspiração, e juntos sob uma regra a terceira por exemplo, de S. Francisco de que era irmão professo desde 1763, viverem em communidade. O segundo documento é que dá ainda mais visos de verosimilhança a essa conjectura é que diz delle S.^o Hilaire quando o visitou em 1806: — «O fundador Irmão Lourenço poz-se sob a regra da 3.^a ordem de S. Francisco e dez irmãos uniram-se

a elle. Entretanto, o esplendor dessa especie de mosteiro, foi de curta duração; o Irmão Lourenço não pensara bastante no futuro.

«Excepto dois, todos os outros eremitas tinham morrido e ninguém mais se apresentou para substituí-los».

A esses documentos podemos ajuntar o testemunho do autor da «Chorographia Brasilica, ou Relação Historica Geographica do Reino do Brazil, composta por um presbytero secular do Gram-priorado do Crato». Esta obra impressa no Rio de Janeiro, na imprensa regia em 1817, compõe-se de dois volumes em 8.^o grande. Além de ser um repertório curiosissimo de factos e cousas nacionaes, tem a vantagem de ter sido escripto por um auctor contemporaneo do Irmão Lourenço.

E eis o que diz fallando do Caraça: «Oito leguas ao norte de Marianna está a celebre Serra do *Caraça*, assim chamada por ter um lugar que visto de certa paragem, arremoda uma enorme physionomia.

É um desmembramento da cordilheira grande, com doze ou mais leguas de circuito em sua base e escarpada em redondo. Numa planície de pouco menos de legua em quadro, em uma quebrada de sua summidade ha uma especie de Mosteiro onde vivem varios Ermitões conduzidos uns por devoção, outros pelas perseguições: *seu habito é uma sotaina negra*.

Sustentam-se de esmolas e das produções dos terrenos adjacentes onde criam gado e cultivam centeio. O edificio é de pedra, a Igreja de elegante architectura e dedicada a Nossa Senhora Mãe dos Homens. No jardim ha varias arvores fructiferas da Europa como, macieiras, pereiras, ameixas, cerejeiras, marmeleiros, castanheiros, oliveiras, nogueiras, carvalho, até giestas amarella e tojos. O terreno é regado por varios regatos, que depois de unidos vão engrossar o Piracibaba (1)» Ainda uma vez, é uma simples conjectura que fazemos, e embora ella dê razão da falta de documentos referentes á obra de Irmão Lourenço, no espaço de 20 annos, comtudo estamos longe de querer fazer passar como verdade historica.

Como quer seja, esse tempo de incubação ou de chrysalida, em que passou 20 annos a Casa de Nossa Senhora Mãe dos Homens, antes de ser a borboleta mimosa; servio para desilludir Irmão Lourenço de seu projecto de congregação, si tanto é que lhe tinha jamais passado pela mente tal projecto e para mais de espaço assentar as bases de sua fundação e constituir-lhe um patrimonio que lhe servisse de garantia para o futuro.

(1) Chorographia Brasilica VI. Provincia de Minas Geraes, pag. 360.

CAPIVULO 7.^o

O QUE ERA O CARAÇA POR ESSE TEMPO

Eis aqui como era o Caraça no tempo de seu fundador: «É uma planície quasi circular e accidentada, banhada por grande numero de regatos e recoberta de pastios sementeados aqui e alli de capões de matto.

Embora muito acima da bacia do ribeirão do Brumado, a planície se acha cercada de alterosas montanhas, que não deixam aberta senão pelo lado que se chega, quando se vem de Santa Barbara.

Em seu sopé essas montanhas cobrem-se de vegetação mais opulenta, mas, suas cumiadas, quando destacadas dos brancos nevoeiros, perfilam-se em penhascos escavados, onde de longe em longe desponta uma vegetação rachitica. É mesmo a entrada da planície e do lado em que se apresenta a aberta, de que fiz menção acima, que foi construida a ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Fica-se admirado de topar de repente com um edificio tão vasto em taes alturas e tão longe de outras habitações. Ao chegar-se, acha-se em uma plataforma, diante da qual, foram plantadas em ordem, algumas palmeiras, que mollemente balançam seus leques aos bafejos da brisa, confundindo suas verdes folhagens.

Nessa plataforma, levantam-se os edificios do eremiterio, separados em duas partes, que fazem face uma á outra. Um patamar collocado entre as duas alas do edificio, conduz a um terraço que dá no primeiro andar, e na Igreja, a qual construida em um plano mais afastado, fórma como que um frontespicio ligado ás duas alas do estabelecimento.

A extensão total da fachada, da extremidade de uma a outra ala, mede uns vinte e tres passos, mais ou menos, e cada ala apresenta no primeiro andar, seis janellas bastante distanciadas umas das outras.

O patamar tem dezoito degraus: depois dos quatro primeiros se acha um largo descanço e os quatorze restantes são margeados de cada lado, por uma rampa ou grade de pedra, obra de bom gosto: entorno ao patamar corre uma balaustrada, semelhante á grade da escada. Diante da porta da Igreja está uma especie de portico formado por dois pilares que sustentam a tribuna onde se acha collocado o orgão.

A Igreja é estreita, mas muito ornada: possui uma bella colleção de objectos de prata, entre outros, grandes candelabros de *vermeil*, irregularmente torncados, como os das outras Igrejas. Em

derredor da Igreja, circula um corredor em forma de ferradura, que não communica com ella; entra-se ahi por uma porta externa e lá vêem-se capellas erguidas de distancia em distancia. Sobre o altar de cada uma, vê-se uma estatua de madeira, que representa N. S. Jesus Christo em algumas attitudes de sua paixão. Essas estatuas estão longe de ser obras primas; no entanto, ellas têm bastante expressão para que se reconheça a intenção do artista, e não se pôde deixar de admirá-las, quando se sabe que foram esculpidas por um homem que nunca teve um modelo sob seus olhos e vivia na solidão, lá nas fronteiras do paiz dos Botucudos.

As duas capellas mais notaveis e mais ricamente ornadas, se acham fóra do corredor acima descripto; ellas estão collocadas uma em face da outra, no fundo das construcções da ermida e estão no nivel do portico, que faz parte da Igreja. Sobre o altar da capella que fica á direita, estão diversas estatuas em madeira, representando alguma circumstancia da paixão.

Na Capella da esquerda, vê-se um corpo em cêra, ricamente vestido, que encerra reliquias, que foram recebidas de Roma. (É o corpo de S. Pio).

O rez do chão do edificio do eremiterio, foi empregado para deposito e morada dos negros. O primeiro andar está dividido em cel- las destinadas aos eremitas e aos viajantes que a devoção e a curiosidade trazem a estas serras. Tal é o eremiterio de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Este estabelecimento data apenas de quarenta e poucos annos.

Assim descreve o Caraça em 1816 uma testemunha ocular: o Sr. Augusto de S. Hilaire, que passou ahi tres dias.

CAPITULO 8.º

A TENTATIVA JUNTO DO GOVERNO PARA OBTER RELIGIOSOS

O Irmão Lourenço desanimado de conseguir uma fundação duradoura com gente do paiz, sentindo-se velho e temendo que o fructo de tantos suores fosse desperdiçado depois de sua morte, resolveo-se, inspirado talvez pelos seus amigos, a mandar uma supplica até o Rei, para obter de seu real beneplacito a graça de lhe mandar religiosos que tomassem conta de sua fundação. Dessa intenção e desse tentamen, temos um requerimento, ou melhor, copia do requerimento que endereçou a Sua Magestade.

Essa copia vem sem data, mas pensamos que o requerimento é dos annos de 1800 a 1802, pois a carta de Frei Antonio de S. João Baptista a que já nos referimos e que é dirigida a seu irmão de habito Frei Felipe, é datada de Ouro Preto aos 17 de janeiro de

1802. Nella se recommenda um P.º Manoel Fernandes, que vai encarregado por Irmão Lourenço, do requerimento a apresentar ao Principe Regente.

E caso o dito P.º não possa conseguir que o mesmo Frei Felipe tome a si o negocio: « Na falta deste padre, V.º Rv.º tomará conta deste negocio particular, que o dito Irmão está prompto para contribuir com tudo o que for preciso e agardecer (sic) a V.º Rv.º no trabalho que tiver. Tudo isto ha de por via de nosso Frei Antonio Procurador (sic)... de tudo isto mandará resposta, que se deseja muito. » O requerimento de que falla esta carta e a do Irmão Lourenço, escripta no mesmo papel, não podia ser de data posterior a 1802, porque as cartas são de Janeiro e Fevereiro desse anno. Havemos de admittir portanto que o requerimento foi desse anno ou mais provavelmente do anno precedente 1801. A copia desse requerimento acha-se na sua integra no fasciculo II do anno VI da utilissima e illustradissima Revista do Archivo Mineiro. Foi de lá que trasladamos para aqui os topicos e que nos interessam. O Irmão Lourenço começa por dizer « que desenganado, desde alguns annos do mundo, buscou o centro dessas serras inhabitaveis onde, a sua custa, construiu uma capella com invocação de Nossa Senhora Mãe dos Homens e para este retiro, á imitação das Thebaidas, têm ido varios homens que conheceram a pouca duração da vida, e ahi fazem suas confissões geraes e purificam-se.

Para o que tem procurado sacerdotes, que dêem o pasto espiri- tual a essas almas. Mas, querendo tornar duradouro esse beneficio, vem pedir a S. A. R. que haja por bem mandar-lhe frades europeus Varatojos ou de outra qualquer religião mendicante, para os quaes dá casa e bens, Igreja e alfaias. » E' este o resumo do requerimento que por brevidade não transcrevemos na sua integra. Este parece ter sido seguido de um outro, um anno depois, no qual o irmão pede a S. A. R. a confirmação da Sesmaria por elle doada para *quiza- mento* da Capella, confirmando-se-lhe a administração dos bens em- quanto vivo for, succedendo-lhe a pessoa nomeada pelo Bispo Dio- cesano.

Estes dois requerimentos foram remittidos por copia ao Governador e Capitão Geral da Capitania de Minas, para a informação. Isto em março de 1805. Só tres annos depois! Elle vem rubricado pelos ministros do conselho de Ultra Mar:

Lazaro de Souza Ferreira, Antonio Raymundo de Pinna Couto, Matheus Vianna que o fez e Francisco Borges Gastão Stockler, secretario o fez assignar.

A resposta que a elle dá o Governador Capitão General consta de uma copia sem data, publicada pelo Archivo (loc. cit.) Resumi- mol-a para não tornar por demais fastidiosa a leitura desta biogra- phia. O Governador veio ao Caraça, para emittir *de visu* seu pa

recer. Achou a Igreja pequena, muito decente e muito acciada, possuindo ornamentos, alfaias e mais paramentos que « elle desejava que as demais Igrejas da diocese possuíssem iguaes; o hospicio accomoda 12 pessoas: não está acabado. O Capitão General deixa transparecer na sua informação um tanto de má querer ao estabelecimento. Começa por achar os caminhos tão intransitaveis, que quasi volta do meio da viagem. Diz que «o sitio é solitario e muito desabrido, principalmente no tempo das aguas, que alguns annos aturam n'este paiz, por espaço de sete mezes e ordinariamente de cinco a seis,» e acrescenta que «quem por devoção *mal entendida* ou por divertimento conhecido vai passar tres ou quatro dias naquella sitio, volta para sua casa mui contente e satisfeito, publicando que ganhou muitas indulgencias, que o Irmão Lourenço tem alcançado de Roma, para com ellas mais facilmente attrair os Povos.» —E fazendo-se casuista e theologo, faz notar que os que assim procedem, não cuidam nas proprias freguezias, onde, sem maior incommodo, podem lucrar muitas indulgencias. E continuando a moralizar, sahose com este peçacinho de um sabor todo pseudo-devoto: «Donde se pode inferir sem escrúpulos, que o divertimento, a curiosidade, a romagem e a mistura de um e outro sexo é todo o movel de semelhantes devoções.»

E como Pilatos, lava as mãos com este retumbante epiphonema: —«Prouvera a Deus que eu me enganara!» «Os habitantes do Hospicio eram o Ermitão Lourenço e dois velhos estropiados, a quem a necessidade, mais que a devoção, havia conduzido áquelle sitio.» Como se vê, são nada menos que lisongeiras, as informações ministradas pelo illustre e austero Capitão General e Governador de Minas de então. Felizmente para Irmão Lourenço, que a informação dada pelo Ouvidor da Camara de Sabará, Antonio Luiz Pereira da Cunha, lhe é muito favoravel. Descreve minuciosamente a propriedade. «Está situada no meio de uma Sesmaria de terras comprada por Irmão Lourenço, que com as mais que lhe tem annexado, chegam a duas leguas de extensão, em que se comprehende uma grande varzea de quasi meia legua, terras de criar gado e de cultura tão fertéis, que em um pequeno terreno cultivado e unido ao mesmo edificio, se acham duas oliveiras, nogueiras e outras plantas exóticas e do paiz, com boas mattas, contem muita caça, um grande lago de agua nativa, que serve de viveiro de peixes.

O sitio em que está assentado o edificio, é na verdade, ameno, abrigado pela mesma serra e de um ar temperado e sadio, conservando duas fontes perennes de aguas ferreas, tão boas como as vi em Portugal.» Estamos longe das informações do austero Governador e Capitão-mór. Falla depois da capella, que tem altares representando os passos da Paixão, um orgão e piano-forte, que vio com surpresa tocado por um escravo da casa, etc.—Entra em largas consi-

derações religiosas, a proposito da irmandade, faz o elogio dos religiosos, do bem que puderam aqui fazer, o meio de impedir que venham a se relaxar na observancia etc... Mas, como todos d'aquelle tempo, mesmo os melhores, não poudo deixar de mostrar que estudou pelos autores da epocha e possui boa dóse de regalismo.

Não lhe queremos mal por isso; apenas analysamos o seu documento, que aliás no genero é perfeito.

Termina dando parecer favoravel para a continuação da administração pelo Irmão Lourenço, a quem julga que ainda faria melhor d'ahi em diante porque: «achando-se em *decrepita idade* e conhecendo melhor do que ninguem os meios de fazer subsistente aquella fundação.» Mas opina por um cofre a dupla chave, uma das quaes fica com o Irmão e outra com o Juiz da Provedoria. No caso que o Principe não conceda missionarios, mesmo assim é de parecer que Irmão Lourenço continue na administração dos bens «pelas razões expendidas e em justa recompensa de suas fadigas; visto que foi por espirito de devoção, se contenta desse mesmo trabalho.»

Tudo isto é muito lisonjeiro para o Irmão Lourenço e mostra quão grande era a veneração que inspirava o prestigio de sua vida e de suas virtudes.

Acompanha este officio, que é de 1805, o depoimento de tres testemunhas, todas mui favoraveis ás pretensões de Irmão Lourenço, bem assim um inventario das alfaias, bens patrimoniaes da Capella de Nossa Senhora Mãe dos Homens, lavrado pelo escrivão Francisco de Paula Lopes, escrivão que foi da Provedoria Geral.—E' uma lista de subscriptores elevando-se a 8:020\$522, os quaes se compromettem a entrar com as sommas assignadas, logo que cheguem os missionarios. Em 1808, o mesmo Irmão pede para serem adicionados ao inventario, mais créditos que pertencem a Nossa Senhora, o que foi feito por João da Cruz da Silva Guimarães, escrivão ajudante da Provedoria.

Como se vê, a perseverança do bom Irmão não arrefecia, e apesar de não chegar resposta do Governo, continuava a prover de meios sufficientes os religiosos que tanto desejava ver habitando a solidão que escolhera.

Vejamos quaes foram os resultados de tantos e tão perseverantes esforços.

CAPITULO 9.º

RESULTADO DAS NEGOCIAÇÕES PARA OBTER RELIGIOSOS

Qual foi o resultado final deste negocio? Nullo.

Os tempos corriam tempestuosos, a Europa era um vulcão; o Corso victorioso por toda parte, ditava suas vontades aos principes e

reis que lhe rodeavam o throno. Só a Inglaterra, senhora dos mares, ludibriava seus intentos e magoava seu amor proprio de conquistador, até então invencível. Esmagar de vez essa formidável potencia foi o plano de Napoleão e para isto, resolveo fechar-lhe ao commercio, todos os portos do continente. Portugal, convidado autoritariamente a entrar no convenio, quiz jogar diplomacia, mas, os ministros do Imperador eram tanto mais habéis nesse jogo que dispunham das espadas dos generaes e da baioneta dos soldados que tinham passeiado como triumphadores por toda a Europa. Nesse estado de cousas, era impossivel que o governo tivesse tempo para tratar de uma questão de monges, a mandar para o sertão da colonia.

Alem d'isto o governo tinha interdito a entrada de corporações religiosas na Capitania de Minas e é sabido que a esse respeito suas ordens foram sempre cuidadosamente executadas. Não era pois de esperar que o governo estivesse disposto a abrir uma excepção na sua lei, só para satisfazer o desejo de um eremita, em torno de cujo nome corriam versões tão diversas. Demais os Ex.^{mas} Srs. Bispos de Marianna que por direito deviam ser ouvidos em semelhante materia, parece, manifestaram-se oppostos á vinda de religiosos para sua diocese. Todas estas difficuldades juntas e mais as grandes distancias que separavam a Capitania da Capital e o longo tempo que exigiam certos negocios que deviam ser resolvidos pela Mesa de Consciencia de Lisboa, fizeram que por então ficassem nulos todos os esforços do Irmão, para obter religiosos. Assim comprehendeu o Irmão e tratou de assegurar a administração dos bens que, pela insistencia com que o faz, bem deixa ver que pretendentes havia que andavam avidos de empolgar aquelle rico patrimonio, para administral-o. E' o que nos explica o seu requerimento sem data, mas que deve ter sido de 1810, pois nelle falla que ha 34 annos está residindo na Serra do Caraça; e como Antonio Luiz Ferreira da Cunha no seu officio de informação, de 1806, diz que o Irmão já administrava a casa desde 30 annos, não resta duvida que o requerimento do Irmão é de 1810.

Allega os direitos que tem a essa administração e pede provisão para continuar a administrar os referidos bens, assim como ser nomeado, por sua morte outro Administrador pelo Juizo respectivo, que seja idoneo. — Nota-se neste documento, a mudança se não de opinião, pelo menos de petição, por parte do Irmão. Não pede mais que seja o Bispo que nomeie o administrador, mas sim o Juizo competente. A proposito da supplica para obter missionarios, a darmos credito ao manuscripto que possui o Caraça e de que fizemos menção em outro lugar, deu-se com o Irmão Lourenço um facto, que mostra, que desde então já havia habéis especuladores, e que si não fosse sua prudencia consumada, teria sido victima de um esperto.

«Um tal Thomaz Antonio» reza o manuscripto, prometteo-lhe mandar vir os missionarios, mas que para isso era preciso que lhe desse oito centos mil reis. O Irmão quiz, antes de concluir o negocio, ir tomar o parecer do C.^o Romualdo, que morava em Congonhas do Campo.

O C.^o mais habituado aos negocios do mundo, aconselhou que escrevesse a Thomaz Antonio, para mandar vir os Padres e que quando chegassem, lhe daria os oito centos mil reis; e si não os tiver na occasião, accrescentou o C.^o, venha cá, que lh'os darei. «isto eu ouvi do mesmo Coronel, que era muito amigo do Irmão Lourenço.» O manuscripto não diz o fim deste negocio, mas é provavel que o tal Thomaz Antonio tenha achado mais seguro não responder ao Irmão.

CAPITULO 10.^o

VIDA E MOVIMENTO RELIGIOSO NA SERRA DO CARAÇA

E' tempo de procurarmos dar uma noção, pelo menos approximativa, da vida de devoção na Serra.

De uma publica forma, passada por ordem do D.^e Quintiliano Ferreira Alves Jardim, Provisor Vigario Geral e Juiz das habilitações, casamentos, dispensas pedidas no Bispado de Marianna, pelo Ex.^{mo} Rev.^{mo} Sr. D. Frei Cypriano de S. José, com data de 24 de Abril de 1803, sabe-se que o Irmão Lourenço tinha obtido de Roma, 5 breves de indulgencia, em favor da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens e das pessoas que vinham fazer suas devoções na Serra. Infelizmente esses breves não trazem a data de sua expedição e por isso mesmo não podemos acompanhar o desenvolvimento de devoção que affluia para a Serra. Só possuímos a copia do Breve de Pio VI de 28 de Fevereiro de 1790, que concede o privilegio da Porciuncula á Igreja do Caraça e que é o segundo de que faz menção a dita publica forma. Como se sabe, este privilegio da Porciuncula, é proprio dos Franciscanos e consiste em conceder aos fieis a faculdade de alcançar tantas indulgencias plenarias, quantas quizerem, *positis de jure ponendis*, no dia 2.º de Agosto. Para isto, visita-se a Igreja privilegiada e rezam-se algumas orações, observadas as demais condições exigidas. Os outros, são para as irmãs e irmãos da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Ora, com tão rica messe de bens espirituaes, em tempos em que falleciam Sanctuarios enriquecidos com essas graças, nada para admirar que houvesse grande affluencia de Romeiros ao Sanctuario, nos diversos dias em que podiam ganhar essas indulgencias.

Si ainda hoje nós vemos affluir tanta gente ao S. Bom Jesus de Mattosinhos, para ganhar o jubileu, n'aquelles tempos em que a fé era mais viva, a piedade mais expansiva, grande devia ser a concorrência do povo ao Eremitério. E' demais, o que dá a entender o Governador Capitão-general na sua informação de 1805, embora procure desvirtuar essa influencia attribuindo-lhe intenções alheias á piedade. Certamente, muitos vinham atraídos pelas novidades, outros em simples *touristes*, pois sempre os houve; a massa popular, porém, vinha suggestionar pelo sentimento religioso, que era então muito intenso. Os fructos de conversão, de penitencias, de reformas de costumes, que se seguiam, eram attestados da força da graça que affeioava essas almas, enveredando-as para a observancia da Santa Lei de Deus e da Igreja.

A vida do Irmão Lourenço e de seus companheiros, tão illibada, tão austera, tão penitente, era a todos um incentivo, um exemplo vivo, que não podia deixar de influenciar n'aquellas imaginações populares, que se fascinam tão depressa por tudo que sahe dos moldes communs vulgares.

Infelizmente, não possuímos documento algum dos exercicios piedosos, que então se faziam na capella.

Com certeza a cantiga do terço, das ladainhas, a Via-Sacra na Quaresma e quando havia um padre, o que quasi nunca faltava nas principaes solemnidades, graças ao zelo do Irmão Lourenço e á gorda retribuição que sempre dava; havia missa, sermão e muitas confissões. Devia ser um lindo espectáculo, ao cair da tarde, por sobre estas serras carrancudas, vêrem-se os ranchos de povo recolhido subindo os degraus de pedra, para recitação do terço e da oração da noite, nas vespéras das grandes festas. Como devia transbordar de jubilo a alma Religiosa do Irmão Lourenço?!

Quantas lagrimas quentes de gratidão á Senhora Mãe dos Homens, não lhe rolariam pela face crestada ao sol e brunida pelas brisas frias da montanha!

Esta montanha onde elle tinha incrustado em seu basalto e granito, um templo, em honra d'aquella que elle chamava com o doce nome de Mãe! ...

Mas, de tudo isto não nos ficou um só documento; tudo isto ficou para Deus e seus anjos. As penhas duras que foram testemunhas, não fallam, nem nos desvendam alguns desses santos arroubos de devoção, tão communs ás almas que vivem na solidão.

CAPITULO 11.º

RETRATO DO IRMÃO LOURENÇO; SEUS SOFFRIMENTOS

Não menos desconhecido nos ficou todo o retrato moral e até mesmo physico de Irmão Lourenço.

Esforcemo-nos por dar delle pelo menos alguns traços que delineiem o perfil d'essa magestosa e veneranda figura, que tanto mereceu da patria e que vive em tão grande olvido.

Eis o retrato que nos deixou do Irmão Lourenço, o Sr. A. de Saint Hilaire « Este velho era como uma sombra nos corredores, que seu zelo povoara outr'ora de eremitas e romeiros; sua cabeça enfraqueceu-se; apenas a sua voz se faz ouvir; dentro em pouco não existirá mais e não se sabe o que acontecerá ao estabelecimento que fundou.

« Ha algo de mysterioso na vida de Irmão Lourenço. Um dos Governadores da provincia sob cujo governo viveu, tinha-o em grande consideração e ha suspeitas de que elle pertencesse a uma familia condemnada por crime de alta traição, no ministerio do Marquez de Pombal.

« Eu contemplei esse ancião apoiado á balastrada de pedra do patamar do Eremitério, cabeça inclinada sobre o peito, mas cujos olhos trahiam ainda a chamma que os aviventara outr'ora. Um bastão de jacarandá, mais negro que o ebano, ajudava-o a sustentar seus passos e o peso de seu corpo. Parecia mergulhado em graves reflexões, e quem sabe si não accusava em si proprio, menos a rapidez do tempo, que a inconstancia dos homens. O nome de Napoleão tinha ecoado aos ouvidos do solitario e elle sahio de seu acanhamento, para perguntar-nos o que tinha acontecido ao homem extraordinario, depois que se tinha entregue aos Inglozes. Os bemfeitores da humanidade vivem desconhecidos, mas o medo não é discreto como a gratidão; o renome dos conquistadores espalha-se até aos paizes desconhecidos: é ribombo do trovão que estoura ao longe e por toda a parte derrama terror.» Até aqui S.^o Hilaire. O retrato que nos deixou é parecido com o original, si uma copia em tela, que possui o Caraça, sem assignatura nem data é autentica, pois é o mesmo velho, cabellos brancos, barba aparada e pouco cuidada, mas cujos olhos despedem chispas de um fogo ainda não extincto de todo. O bordão de jacarandá sustenta-lhe os passos vacillantes; cobre-lhe o corpo um habito de estamenha grosseira e um grosso cordão cingo-lhe os rins.

Pende-lhe do pescoço um grande rosario. O rosto, sem ser elegante, tem um quer que é de nobre grandeza, mitigada um tanto por um véo de suave mansidão, que paira sobre o semblante. A testa espaçosa, escondida por anneis de mellenas alvas de cabello: os olhos vivos e penetrantes, mas velados por algo de penitencia; o nariz aquilino e a bocca fina, deixam adivinhar um typo que não era vulgar, nem commum, apesar das roupagens que o vestem,

O ancião veneravel tinha, como os antigos patriarchas, attingido uma idade avançada.

S.^o Hilaire dá-lhe 92 annos em 1816, o que faria 95, a sua morte em 1819.

Vira sua obra, tão affectuosamente acariciada, nascer cercada de difficuldades, crescer lentamente, florescer depois. Contemplar seu eremitorio, onde residiam dez de seus companheiros, um centro de attracção religiosa, onde ondas de romeiros, vinham, alegres, deixar suas offertas de grato reconhecimento á Virgem Senhora Mãe dos Homens, que os soccorria com maternal bondade, cantar seus louvores, entoar seus hymnos e depois descer a Serra saudosos, os olhos marejados de lagrimas, porém confortados e mais valentes para a lucta da vida, no manejar diario de suas occupações.

Quantas almas afflictas, corações lacerados pelo remorso, consciencias torturadas pela lembrança dos crimes passados, vio elle d'aquí voltarem consoladas, a paz no coração e a tranquillidade no espirito, porque tinham-se conchegado áquelle que disse á adúltera: « Mulher, ninguem te condemnou, nem eu te condemno: vai em paz e não peques mais. » e á Magdalena: « Teus peccados te foram perdoados, porque amaste muito », e ao bom Ladrão: « Hoje estarás comigo no paraizo »!...

Tudo isto elle vio e tudo isto lhe voltava agora á lembrança, com uma saudade agri-doce, das alegrias que não existem mais. Seus companheiros adormeceram, uns depois dos outros, nos braços da morte; as romarias tornaram-se menos concorridas; seus requerimentos não tinham obtido despacho favoravel; (pensam alguns, por informações do Bispo Diocesano) os bens e riquezas que accumulara para gloria de Deus e de Maria S. S. começavam a desatlar a cobiça de muitos; as exigencias mesquinhas do fisco avido, queriam por-lhes penhora, ao mesmo tempo que membros ambiciosos da Confraria, exigiam para o nonagonario eremita, um curador para guial-o na gestão desses mesmos bens que tinha ajuntado com seu suor, e tão liberalmente offertado ao serviço de Deus.

Era o declinio triste da sua vida e da sua obra. Era tambem o ultimo polido que Deus dava á nobre alma, mandando no fim de seus dias as tribulações, para, prolongando as agonias de seu horto, facer melhor as perolas de tantas virtudes de que tinha dado provas, e sido tão bello exemplo, durante quasi meio seculo.

Como a Job, não lhe bastaram estas tribulações: seu corpo alquebrado pelas penitencias, acurvou-se para a terra, como já procurando a sepultura; apagou-se-lhe a luz dos olhos e houve mister de que um escravo guiasse seus passos atravez dos corredores solitarios e tristes, que não povoavam mais os ranchos de romeiros.

Conta o autor do manuscripto já citado « que o tutor que lhe dera maltratava-o e deixava-o padecer necessidades. Ao escravo que o servia por nome Mamede, quando lhe trazia de comer, mais comia que o velho irmão cego ».

Sua cella era onde hoje está a capellinha de S. Vicente, de onde elle pouco sahia nos seus ultimos annos. Todos esses soffrimentos, e mais ainda, como affirma o biographo anonymo cujo manuscripto publicou a « Revista do Archivo Mineiro », o curador que lhe deram, roubou tudo que havia de mais precioso no sanctuario; foi esta a mais dorida flecha para o coração do venerando ancião. Sua missão na terra estava acabada. Prudente e providente como era, quiz fazer seu testamento, que é um modelo de piedade christã.

Não podemos resistir ao prazer de dal-o na sua integra. Eis-o:

CAPITULO 12.

TESTAMENTO DO IRMÃO LOURENÇO DE NOSSA SENHORA

Em nome da S. S. Trindade, Padre, Filho e Espirito Santo, tres pessoas distinctas, um só Deus verdadeiro. Saibão quantos este Instrumento de Testamento virem, que sendo no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e seis, aos vinte dias do mez de Março, n'esta Cidade de Marianna, eu, Lourenço de Nossa Senhora, estando de saúde, em meo perfeito juizo e temendo-me da morte, desejando por a minha alma no caminho da salvação, por não saber quando Nosso Senhor será servido levar-me para si, faço meo testamento na forma seguinte: Primeiramente encomendo minha alma á S. S. Trindade, que a creou, e rogo ao Eterno Pac, que, pela morte de seu Unigenito Filho, a queira receber e á Virgem Nossa Senhora, ao Santo do meo nome e a todos os Santos e Santas da Corte do Céu, rogo, queirão ser meos intercessores, quando a minha alma deste mundo partir, para que vá gozar da Bemaventurança para que foi creada, porque como verdadeiro christão protesto viver e morrer na Santa fé catholica, e erer tudo quanto cre e ensina a Santa Madre Igreja Romana, em cuja fé espero salvar a minha alma.

Declaro que sou natural da freguezia de Nagozelo, termo de S. João da Pesqueira, Bispado de Lamego, filho legitimo de Antonio Pereira e sua mulher Anna de Figueiredo ambos já fallecidos; vivi sempre no estado de solteiro e nunca tive filhos.

Declaro que sou possuidor e senhor de uma sesmaria de terras sitas na Serra do Caraça, com mais terras annexas á mesma, que são notorias a todos e constarão de meos titulos, onde á minha custa e com esmolos dos fleis edifiquei uma Capella com o titulo de Nossa Senhora Mãe dos Homens e S. Francisco das Chagas, com todos seus pertences, ornamentos, alfaias, imagens, sanctuario de varias reliquias, um corpo de S. Pio Martyr, e de Laminas; de que e de todos os

mais bens que me pertencem, fiz offerecimento por mim e pelas Camaras de Caethé, Cidade de Marianna e Villa Rica a S. A. R. para estabelecimento de um Hospicio de Missionarios com côro regular e ainda não sei se S. A. R. foi servido mandar informar-se pelos seus Ministros.

Declaro que a minha vontade sempre foi e é de que todos os referidos bens fossem para estabelecimento e residencia de Missionarios na forma do dito meo offerecimento a S. A. R.; e não podendo conseguir-se para esse fim, que em tal caso servisse para um Seminario de meninos, onde aprendessem as primeiras letras e mais artes, sciencias e linguas, como grammatica, Philosophia racional e moral.

E assim instituo meo universal Herdeiro ao Principe nosso Senhor. Declaro que, emquanto o Principe nosso Senhor não decidir acerca do destino dos ditos meos bens, conforme for sua vontade e do seo Real agrado, é minha vontade que meos Testamenteiros conservem os ditos meos bens no mesmo estado e ser em que se acharem ao tempo de meo fallecimento; que igualmente conservem os Irmãos pedidores, que a esse tempo se acharem na casa, emquanto continuarem com zelo e fidelidade. Instituo e nomeio por meos Testamenteiros: ao Irmão Custodio, ao Irmão João José, residentes na dita Capella e o Irmão Luiz Antonio, cobrador e pedidor da dita Casa e Capella; ao Tenente Manoel da Costa Athayde, morador no Bacalhão, todos em primeiro lugar; e como não tenho certeza de que me queirão accitar, digo, fazer a esmola de accitar, em tal caso nomeio em segundo lugar ao Alferes Domingos da Costa Athayde, morador no Bacalhão, a Antonio Lopes, ao presente tempo morador em casas do Coronel João Baptista no Inficionado; a Francisco Vieira da Silva, morador em Cattas Altas; a José Luiz morador no Brumado, aos quaes rogo queirão, por serviço de Deus e por me fazerem esmola, ser meos Testamenteiros, Procuradores e Administradores dos ditos bens, por forma que todos juntamente por sua ordem, executarão este meo Testamento, de maneira que um ou uns sem outros nada poderão executar; se algum ou alguns destes morrerem, ou faltarem por ausencia longissima ou outro semelhante impedimento, então os que vivos ou presentes forem, ou outros, poderão executar; si, porém, iguaes em numero discordarem na execução deste meo Testamento, eleja um terceiro ou recorra ao Provedor ou Provisor das ultimas vontades, para os concordar ou fazer executar e farão por minha alma os suffragios que lhe dictar a sua piedade e caridade; bem entendido que as Missas que por minha alma mandarem dizer, serão ditas no Altar Privilegiado da dita Capella.

Declaro que emquanto se não decidir pelo Principe nosso Senhor acerca dos destinos dos ditos meos bens, que Leandro Crioulo — José Crioulo — Manoel Cabra — Manoel Angola — fiquem adscripticos emquanto vivos forem, para o serviço da Capella e dos Irmãos da mesma, e que um dos meus Testamenteiros com accordo dos que mais

forem, o mais habil da casa, vá com este meo Testamento apresentar-se aos pés do Principe nosso Senhor, supplicar e requerer a concessão e confirmação de um dos meos destinos, quando contra um d'elles, ou ambos, seja servido decidir pela primeira vez o mesmo Principe nosso Senhor, porque em tal caso tentar-se-ha segunda e terceira supplica, para o que e para a execução deste meo Testamento, deixo aos meos Testamenteiros dez annos, e findos elles, sem o conseguir concluir-se algum dos meos destinos, poderão pedir mais tempo, que se lhes concederá pelo Juiz da conta, a que tocar este meo Testamento. Nesta forma, tenho concluido o meo Testamento, revogando por elle outro qualquer anterior, e peço ás Justiças de S. A. R. de um e outro Fôro o cumpraõ e fação inteiramente cumprir como nelle se contem, e se para sua validade lhe faltar alguma clausula ou clausulas de Direito, as hei todas por expressas, como se d'ela se fizesse expressa menção.

Declaro que se ao tempo do meo fallecimento se dever qualquer quantia ou a mercadores, ou a officiaes e obreiros ou outra qualquer pessoa, se lhe pagará.

E por ser esta a minha ultima vontade, pedi ao D.^o Antonio Rodriguez Pereira Chagas, que este Testamento por mim escrevesse, e como testemunha assignasse e eu me assignei com o meo nome, signal de que uzo, era, dia, et supra.

Irmão Lourenço de Nossa Senhora.

Este documento admiravel pela piedade que respira, dá-nos a certeza historica da patria e filiação do Irmão Lourenço. Era portuguez, natural da freguezia de Nagozelo, termo de S. João da Pesqueira, Bispado de Lamego, filho legitimo de Antonio Pereira e sua mulher Anna de Figueiredo, ambos já fallecidos em 1806. Esta filiação não deixa de velar mais o problema historico que quer fazer delle um descendente dos Marquezês de Tavora, perseguidos do ferrenho e omnipotente ministro de D. José. Em tempos o P.^o Miguel Sipolis, que foi superior do Caraça, homem de muitas letras, conhecido como apostolo de Minas e muito popular no Estado, procurou esclarecer este ponto da historia do Irmão Lourenço e aproveitando-se de uma viagem á Europa e das muitas relações que tinha em Portugal, onde passara algum tempo, fez perquisições no archivo da freguezia, mas infelizmente nada conseguiu que pudesse derramar alguma luz sobre este ponto, que nossa curiosidade tanto desejava ver deslindado.

Talvez que algum dia os estudos da historia que vão progredindo entre os dois povos irmãos, nos dêem a chave do problema e consigamos assim sua solução.

Sabemos também por elle que em 1806, a côrte não tinha dado despacho a seus requerimentos, se bem já lhe constasse ter pedido informações pelos seus Ministros. O que não se pôde deixar de admirar é a providencia do Irmão Lourenço nomeando dez testamenteiros de lugares tão differentes, e com as clausulas: 1.ª, que um dos testamenteiros com o accordo dos mais, se vá apresentar ao Príncipe com o testamento e supplicar e requerer a concessão e confirmação dos seus desejos e caso o Príncipe se mostre contrario, volte segunda e terceira vez; 2.ª, que na execução do testamento, «um ou uns, sem outros, nada poderão executar, e si algum ou alguns destes morrerem ou faltarem por ausencia longissima ou outro semelhante impedimento, então os que vivos e presentes forem, ou outros, o poderão executar.

Si houver empate sobre uma decisão, eleja-se um terceiro ou recorra-se ao Provisor das ultimas vontades, para os concordar, ou fazer executar.»

Como se vê, era difficilimo ajuntarem-se todos os testamenteiros, e em segundo logar obter delles a unanimidade nas decisões a tomar.

Por isso mesmo, muitos testamenteiros recusaram a incumbencia. Como consta do requerimento seguinte: Diz Joaquim José da Costa Brandão, zelador da Capella de Nossa Senhora Mãe dos Homens da Serra do Caraça, que o coadjutor da freguezia de Cattas Altas lhe fez entrega do Testamento, que offerece, na mente de que ao supplicante competia recebê-lo por ter o testador Irmão Lourenço de Nossa Senhora, o fundador da capella zelada, pelo supplicante, e por ter fallecido na mesma Serra onde residia: o supplicante procurou entregal-o aos testamenteiros existentes nesta comarca, os quaes não quizeram aceitar a testamentaria, como consta do mesmo testamento; e porque os mais residem fóra da comarca e mesmo da capitania, quer o supplicante pôl-o em Juizo, para seguir-se os seus termos, e a todo tempo constar da existencia do mesmo, pelo que requer a V.ª S.ª se digne mandar que o Escrivão o receba e intime ao D.º Promotor o presente requerimento para ficar sciente de que se acha em Juizo o referido Testamento.

Pede a V.ª S.ª seja servido assim o mandar, e declara o supplicante que o primeiro testamenteiro é fallecido, assim como também o Irmão João José. O Irmão João, digo o Sr. Luiz Antonio ausente na côrte do Rio de Janeiro Comerciando.

E. R. M.

Intime este requerimento com testamento ao diante ao D.º Promotor, para promover o que convier a beneficio desta testamentaria. Sabará 21 de Fevereiro de 1820.

Antonio Manoel Coutinho.

E' patente a intenção do pio Irmão nas difficuldades em que embulhou seu testamento.

O que elle queria, era impedir o esbanjamento dos bens recolhidos com tanto trabalho e cujo esbulho seria certo depois de sua morte, se os testamenteiros por pouco escrupulosos que fossem, não estivessem ligados pelas clausulas de sua ultima vontade. E foi isso mesmo que os determinou a rejeitarem a testamentaria e desse modo ella foi parar em Juizo. Como o herdeiro era S. M., os homens da lei tinham todo o interesse em zelar aquelles bens, que revertiam para a Corôa.

E foi o que aconteceu, porque o testamento aberto a 26 de Outubro de 1819, a 31 de Janeiro de 1820, já S. M. declarava por carta Régia a D. Manoel de Portugal e Castro, Governador Geral da Capitania, que aceitava a instituição da herança de Irmão Lourenço.

Ha ainda no documento do Irmão um topico que parece contraditar a conjectura feita sobre a tentativa ou velleidade de fundar uma corporação religiosa. Com effeito, diz: «Declaro que minha vontade sempre foi e é de que todos os referidos meus bens fossem para estabelecimento e residencia de Missionarios na forma do dito offerecimento a S. A. R...»

Mas, si attendermos mais de perto, só podemos concluir que sempre quiz missionarios religiosos Varatojanos ou de qualquer ordem que approvesse a S. A. R., mas de nenhum modo se exclue a vontade de aggremiar elle proprio esses religiosos.

CAPITULO 13.º

ULTIMOS ANNOS. ALGUNS FACTOS NOTAVES DE SUA VIDA

E' tempo de pormos termo a este esboço de biographia do veneravel fundador da Casa de Nossa Senhora Mãe dos Homens da Serra do Caraça.

Não é facil, ha quasi um seculo de distancia, exhumar de mingados e defficientissimos archivos, toda uma vida, tão longa como a do Irmão Lourenço.

Homem que passou mysterioso para seus proprios contemporaneos, que soube sempre occultar sob os discretos véos da modestia e humildade, uma vida de quasi um seculo de abnegação e penitencia, que privava com as primeiras autoridades da Comarca, que o cercavam de religioso acatamento; que conseguiu da Curia Romana, favores e privilegios espirituaes para sua Igreja, como bem poucos se podem ufanar de possuir, mas, que não encontrou entre seus contemporaneos, uma penna que nos transmittisse alguma cousa de

mais íntimo de sua vida, que nos consentisse soerguer um canto do véo, que nos furta sua bella alma. E' lastimavel essa falta, mas, já sem remedio para o tempo, pois ninguem mais resta dos que o conheceram, a não ser os que por esse tempo eram ainda eranças.

A admiração popular bordou diversas lendas em torno de seu nome, todas mais ou menos prodigiosas, como as que se contam dos santos, mas que para a historia, não tem valor scientifico, por lhes faltar o apoio de uma testemunha, que lhes garanta a authenticidade. Essas servem somente para dar a esses grandes vultos que desapareceram, uma auréola mysteriosa, ou como sombras, que mais fazem salientar o perfil do heroe.

E' só com este fim que narramos as seguintes dentre muitas outras. Um dia veio-lhe a justiça em casa, para pôr-lhe penhora aos bens, por se achar elle alcançado com o fisco, por mais de anno. Sem se perturbar diante dos representantes da Justiça de El-rey, recebeu-os com affabilidade, deu-lhes gasalhado, e tranquillizando-os disse: « Não vos inquieteis: pacientae um pouco, descançae e a somma vos será paga integralmente, sem que tenhaes de por mão sacrilega nos bens de Nossa Senhora. » Tomou o seu bordão e chapéo e desapareceu pelo lado da serra que dá para Cattas Altas.

Ao escurecer entrava elle de novo, risonho e satisfeito, trazendo consigo a somma exigida.

O povo não se admira da somma, que foi tomada nas mãos de um amigo em Cattas Altas, mas sim do tempo que gastou para lá ir e voltar, que foi menos de quatro horas. Um outro facto que tambem se conta do Irmão Lourenço e de que uns fazem testemunhas o P.^o José Ignacio que depois morreu conego da Sé de Marianna, outros, o P.^o Francisco Xavier da França, Vigario de Cattas Altas: passou-se pouco antes de sua morté. O Irmão andava muito acabrunhado e abatido, por não ter recebido despacho de seus requerimentos ao Principe. Ia morrer e não sabia se viriam os missionarios pedidos para continuar sua obra. Essa duvida, era-lhe um doloroso pesadelo para os velhos dias.

Quando chegou o Padre que viera para administrar-lhe os ultimos soccorros da religião, redobraram-se as maguas. O Padre a quem tinham alojado no quarto contiguo ao do Irmão, ouviu-o durante toda a noite lastimar-se até ás quatro horas da manhã, momento em que socegou e ficou em grande calma até sua morte. Elle dizia: « E' possivel?! Toda a minha vida até agora, trabalhei para formar este asylo, a fim de virem missionarios, e não pude alcançar: tudo vaç perdido: dinheiro, suor, fadigas, e as perseguições... ai!... ai!... ai!... frustradas todas as diligencias... perde-se esta obra, ó Mãe de Deus! Vós conheceis muito bem meus desejos: por vos sa honra e bem da religião catholica, olhae benigna para esta obra! » E assim, entre prantos e gemidos, passou toda a noite.

O Padre que o ouvira, de manhã, depois de administrar-lhe os sacramentos, perguntou-lhe: « Irmão Lourenço, que exclamações, prantos e ais, foram os seus, esta noite, que me privaram do sono até quatro horas? » « Meu Padre, respondeu-lhe o Irmão entre humilhado e confuso, agora estou muito socegado, morro tranquillo, alegre e satisfeito.

« Fallo diante de Deus; não posso nem devo enebroir-vos cousa alguma. Maria S. S. dignou-se de me apparecer e me affirmou, que não vinham os Padres Varatojanos, mas hão de vir Missionarios de outra ordem, a serem senhores desta casa. »

Deixo ao leitor o juizo a formular sobre esses factos e diversos outros que ficaram na tradição popular sobre Irmão Lourenço. Para nós que cremos numa autoridade infallivel — A Santa Igreja — columna e fundamento da verdade, aguardamos o seu juizo, pois a ella assiste o direito de definir em ultima instancia, sobre a classificação desses factos. E si por acaso algum dia ella os tomar em consideração, o que não julgamos muito provavel que o faça, então nos inclinaremos reverentes a seus dictames, bem convictos de nella ouvir os echos da Eterna Verdade — Deus.

CAPITULO 14.

MORTE DO IRMÃO LOURENÇO

Em que dia morreu o Irmão Lourenço?

Os dois autores anonymos que esquiçaram alguns traços biographicos do Irmão Lourenço, contentaram-se em notar que: « No mesmo dia em que se embarcaram em Lisboa os Padres Leandro Rabello Peixoto e Castro e Antonio Ferreira Viçoso, no mesmo dia, falleceu no Caraça o Irmão Lourenço.

Mas, um e outro se esquecem de dizer quando foi que os dois padres se embarcaram.

Sente-se a preocupação do maravilhoso a negaciá-lhes as penas de historiographos e nenhuma preocupação da critica historica, que é justamente a primeira que deve estar no animo de quem quer que deseje escrever a vida de um heroe ou de um homem prestimoso.

A ser verdadeira essa coincidência, o Irmão Lourenço teria fallecido a 27 de outubro de 1819 (1), dia em que passou desta á me-

(1) O assentamento de obitos de Cattas Altas, cujo livro temos á vista diz: « aos 27 de Outubro de 1819, faleceu da vida presente, com todos os sacramentos o Irmão Lourenço de N. S. S. Foi encommendado por mim e outro sacerdote, etc.

lhora vida o grande Apostolo da Caridade, que foi Vicente de Paulo, e cujos filhos iam recolher a herança do piedoso Irmão — e realizar completamente seus mais caros desejos.

Morrera como tinha vivido: na santa paz de Deus, e foi sepultado na Igreja, que lhe custara tanto suor para edificar. Seus restos mortaes, ahí esperam o grande dia da resurreição, em que serão manifestadas as heroicas virtudes, que durante a vida soube tão bem esconder.

Morreu o Irmão Lourenço, mas a obra que fundara vive ainda, e sua alma bemfazeja adejando sobre esta casa (pois é pensamento de S. Jeronymo, que Deus permite ás almas bemaventuradas, assistir ao desenvolvimento das obras que iniciaram na terra) terá contemplado satisfeita a realização dos seus desejos.

D'elle como de muitos sanctos, se pode dizer que: *Defunctus adhuc loquitur*. Sim, falla nesses bandos de missionarios que todos os annos por espaço de quasi nove mezes, percorrem este vasto e religioso Estado, semeando, por toda a parte, a divina semente da pregação evangelica, despertando os tibios, abalando os indifferentes, sustentando os fracos, levando a paz ás consciencias e a concordia aos lares, a santidade da união nas familias, inoculando nas almas infantis o germen divino da doutrina christã, que mais tarde ha de medrar com viço, desabrochar em flôres de virtude e sazonados fructos de boas obras. Elle falla na voz de tantos mestres, que ha quasi um seculo se succedem na casa de Nossa Senhora Mãe dos Homens, onde nas diversas cathedras de ensino, desbravam as intelligencias incultas, e com solícito amanho e aturado labor, fazem-n'as opulentas de conhecimentos scientificos, ao mesmo tempo que com desvelo carinhoso affeioam os corações da juventude à pratica do bem e do honesto, que vale o mesmo dizer: preparam-lhe essa tempera de civismo cuja prova não está mais por fazer, pois innumeros são os que por esta casa passaram e hoje servem a Patria, com gloria e geraes applausos, em todos os estados e condições.

Não morreu de todo, o illustre bemfeitor; elle vive ainda nas obras que devem a existencia a seus suores e fadigas; elle vive na memoria dos que sentem todos os dias os benéficos influxos de suas obras; elle vive sobretudo na lembrança agradecida dos filhos de S. Vicente de Paulo, que foram chamados para continuar a sua obra religiosa.

Tudo quanto puderam fazer de bem, durante o largo espaço de quasi um seculo, tudo converge para levantar-se-lhe um pedestal digno, onde seu vulto magestoso perdure para sempre, aureolado das benções de todas as almas bem formadas, e admirado de todos os que amam o engrandecimento deste caro torrão, pelo qual elle tanto trabalhou.

Aqui faz ponto a primeira parte da Monographia do Caraça, que tentamos escrever.

São os 42 primeiros annos de sua existencia.

Somos os primeiros a reconhecer os muitos senões e graves, de que vae maculada. Não procuramos fazer obra literaria para o que nos fallecem cabedaes e aptidões; quizemos apenas salientar, do meio dos antigos e minguados documentos, que dormem na poeira dos archivos, a figura do Irmão Lourenço.

E' um tributo de gratidão, embora tardio, levantado à sua veneranda memoria, para essa humilde pedra servir mais tarde, para ajudar a levantar um monumento historico a este torrão de Minas, que nos é berço e livrar assim do olvido o grande benemerito que foi o Irmão Lourenço.

Collegio N.º S.ª Mãe dos Homens.

(Caraça).

1 de Fevereiro de 1904.